

paróquia de Paris. Este retiro de uma semana visava ajudar as irmãs a meditarem sobre o mistério de Israel na história da salvação, numa altura em que os beneditinos se preparavam para fundar o mosteiro de Abu Gosch, na Terra Santa.

O futuro Cardeal Lustiger desenvolve as suas reflexões partindo do Evangelho de Mateus e fecundando-as com a experiência de judeu que, aos catorze anos, em plena Segunda Guerra Mundial, adere a Jesus Cristo como plenitude e cumprimento da promessa que Deus fez a Israel.

A estas conferências espirituais, o Cardeal Lustiger acrescenta uma segunda parte com os textos das conferências proferidas por ele na Universidade de Tel Aviv e no Congresso Judeu Europeu em 1995, e, em 2002, no Congresso Judeu Mundial em Bruxelas e no Congresso Judeu Norte-Americano em Washington.

Dois grupos de textos separados por cerca de trinta anos, dirigidos a auditórios completamente diferentes e em estilos diametralmente opostos. Todavia, eles integram-se harmoniosamente pelo tema que tratam; o mistério e o destino de Israel na história.

HERMENEGILDO FARIA

DULAËY, Martine, **Bosques de símbolos**, col. «Sagrada Escritura», Ediciones Cristiandad, Madrid, 2003, 340 p., 175 x 105, ISBN 84-7057-472-8.

Já se tornou um lugar comum dizer que a cultura ocidental é indecifrável sem um conhecimento mínimo da Bíblia, que é um elemento fundamental e fundador dessa mesma cultura. As suas personagens, as suas histórias e símbolos, relidos pela Igreja dos primeiros séculos e, depois, por todas as gerações cristãs, tornaram-se elementos constantes nas produções artís-

ticas de cada época, da literatura à música, passando pela pintura e pela escultura. Multiplicam-se as anedotas de alunos universitários que, por exemplo, olhando para um quadro representando Maria e o Menino Jesus, apenas conseguem discernir uma mãe com um bebé ao colo. Com o seu livro, Martine Dulay tenta combater esta cada vez maior falta de formação religiosa que torna ilegível uma grande parte da cultura ocidental.

Analisando personagens do Antigo Testamento, como Adão e Eva, Lot, David, Daniel, Noé, entre outros, Martine Dulay fornece elementos literários, sobretudo retirados da tradição patrística, que nos permitem entrar nesse bosque de símbolos que nos parece hoje tão estranho mas que dá à fé cristã uma grandeza estética incomparável. A Bíblia é muito pouco sistemática e ainda menos abstracta. É necessário voltar à pedagogia dos primeiros séculos para penetrar mais facilmente na doutrina.

HERMENEGILDO FARIA

PUIG I TÀRRECH, Armand (a cura de), **Perdó i Reconciliació en la Tradició Cristiana**, col. «Scripta Biblica» 5, Associació Bíblica de Catalunya – Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 224 p., 235 x 155, ISBN 84-8415-605-2.

Depois de *Perdó i Reconciliació en la Tradició Jueva* (vd. THEOLOGICA 37/2 (2002), na sua continuidade e no contexto de uma pertinente preocupação da Igreja por ocasião do grande Jubileu do ano 2000, a Associació Bíblica de Catalunya, sediada no Mosteiro de Montserrat, oferece agora aos estudiosos e ao público em geral o vol. 5 da sua Série «Scripta Biblica». É mais uma colectânea de estudos que resulta da reunião anual de biblistas catalães (1999). Este livro completa assim o anterior,

versando o mesmo tema do perdão e reconciliação na tradição cristã consignada na Bíblia, fazendo incidir os seus estudos sobre textos fundamentais do Novo Testamento: evangelhos sinópticos, Actos dos Apóstolos, escritos paulinos e joaninos e Carta aos Hebreus.

Sucedem-se assim os seguintes trabalhos: «O baptismo de João» (Simon Légasse); «A praxe comunitária da reconciliação» (Armand Puig I Tàrrrech); «Jesus e os pecadores no evangelho de Marcos» (Agustí Borrell); «A figura de Simão Pedro e o seu processo de conversão em Lc-Ac» (Josep Rius Camps); «Eucaristia e perdão nos relatos da instituição» (Pius-Ramon Tragan); «Dom do Espírito e perdão dos pecados nos escritos joaninos» (Rinaldo Fabris); «Justificação e reconciliação nas cartas paulinas» (Jordi Sánchez Bosch); «Perdão dos pecados na Carta aos Hebreus» (Josep Oriol Tuñí); «A expressão 'lugar de arrependimento' (topos metanoias) em He 12, 17» (Jordi Cervera).

Um índice de autores e outro de citações bíblicas enriquecem o volume. Do seu interesse, especialmente para os biblistas, falam os temas versados.

JORGE COUTINHO

AA.VV., **Signum et Testimonium. Estudios en honor del Prof. Antonio García-Moreno**, col. «Biblioteca de Teología», EUNSA, Pamplona, 2003, 340 p., 235 x 155, ISBN 84-313-2065-6.

Esta colectânea de homenagem ao Prof. A. García-Moreno, por ocasião dos seus 70 anos, está intencional e simbolicamente centrada no quarto evangelho, ao qual o homenageado dedicou o melhor da sua investigação e ensino na Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra. Especialistas seus amigos tratam temas

variados, tais como: Pedro e o discípulo amado; fé pré-pascal e pós-pascal; valores e escala de valores no quarto evangelho; testemunho de João Baptista; as Bodas de Caná e a sepultura de Jesus como obras de misericórdia; o nome da Mãe de Jesus; o Espírito, água da vida; o adeus de Jesus; a Sagrada Escritura à luz do Apocalipse; os manuscritos de Qumrán e o cânone; exegese bíblica, teologia e formação na fé; sentido dos «templos» na Igreja Católica; Maria, Mãe e Discípula; etc.

É um volume encadernado, de boa apresentação gráfica, cujo valor e interesse, no âmbito dos estudos joaninos, se podem facilmente inferir dos títulos e também de boa parte dos seus autores.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

BUENAVENTURA, San, **Vida de San Francisco. Legenda Maior**. Versão castellana e Introd. por Luis PÉREZ SIMÓN, OFM, San Pablo, Madrid, 2004, 160 p., 240 x 160, ISBN 84-285-2612-5.

«Havia na cidade de Assis um homem, chamado Francisco, cuja memória é bendita...»

Estas são as primeiras palavras da biografia de São Francisco, fundador da Ordem dos Frades Menores, os Franciscanos, de cuja redacção foi incumbido São Boaventura, no Capítulo Geral de Narbona, em 1260. Em 1263 estava concluída e, em 1266, no Capítulo de Paris, este texto é considerado único e oficial, tendo sido ordenada a destruição de todas as hagiografias anteriores. Daqui a denominação de *Legenda Maior* que, distinguindo-a de uma outra obra para uso coral, chamada